

# A POÉTICA DOS CADERNOS NEGROS: VOZES IDENTITÁRIAS RESSONANTES NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LAGOINHA-BA

Maria Gabriela Batista Neiva<sup>1</sup>

Orientador: Prof. Osmar Moreira dos Santos

*Resumo:* A Literatura Negra/marginal configura-se como um espaço importante de afirmações identitárias, deslocamentos, engajamento político e, sobretudo, como projeto de emancipação humana, em que o negro deixa de ser objeto para ser sujeito do seu discurso. Assim, a pesquisa se propõe a captar tais discursos, outrora silenciados, porém mobilizadores, presentes especialmente nas coletâneas Cadernos Negros, a fim de oferecer visibilidades; fomentar reflexões sobre as representações do negro na sociedade brasileira, bem como analisar de que modo, tais poemas – contradiscursivos, subvertem as estruturas de poder e operam no modelo de representação e/ou de autorrepresentação do negro na comunidade remanescente de Lagoinha, situada no município de São Gabriel-Ba. Desse modo, analisar-se-á a recepção dessas produções literárias na comunidade, através de um grupo focal, para se perceber como desenvolvem e constroem suas subjetividades, modos de vida, valores políticos, estéticos e identitários a partir de oficinas político-pedagógicas. Para tanto, nesse primeiro capítulo, será feita uma análise sobre o racismo, cultura, literatura, identidade, além de uma breve contextualização a respeito do surgimento da literatura negra brasileira, entendendo-a enquanto dispositivo de combate às práticas discriminatórias. Portanto, espera-se que esta pesquisa contribua para construção de um modelo de autoidentificação consciente de ser negro quilombola na sociedade contemporânea.

*Palavras chaves:* Literatura Negra. Identidades. Comunidade quilombola

## INTRODUÇÃO

O Brasil possui a segunda maior população negra do mundo e como se sabe, isso se deve a um passado histórico marcado pelo crime da escravidão que perdurou durante séculos, por esta razão, a sociedade brasileira se constitui de uma base cultural, fundamentalmente africana, em que os valores étnicos, socioeconômicos, artísticos, religiosos estão intrínsecos no cotidiano do povo brasileiro. No entanto, houve historicamente um processo de desvalorização e depreciação dos elementos culturais de matriz africana, de modo que, práticas de racismo, discriminação e preconceitos foram se estabelecendo socialmente e se difundindo culturalmente, gerando imagens negativas do negro/a, além de austeras práticas de exclusão étnico-raciais, em que os padrões de uma cultura branca europeia têm sido vislumbrados e assimilados como superiores.

Como reflexo dessa sociedade que foi formada a partir de um sistema ideológico racista, baseada numa visão monoculturalista, a Literatura nacional durante muito tempo vinculou uma estética que silenciava a voz negra, ou quando trazia para cena literária era de forma estereotipada e depreciadora dos elementos culturais africanos. Assim, salienta Cuti (2002) que a Literatura

---

<sup>1</sup> Mestranda em Crítica Cultural - UNEB/Campus II. E-mail: gabyneiva@bol.com.br.

Brasileira, desde o período de sua formação, o negro enquanto tema, sempre se fez presente, todavia, numa visão distanciada, reducionista e estigmatizada, em que a cor da pele, atrelada a classe social, serviu de parâmetro para mensurar os arquétipos que a cultura do poder legitima.

Como consequência desse processo de inferiorização e/ou invisibilização da cultura negra, advindos das ideias de uma cultura hegemônica, tanto na Literatura, como em outros espaços, onde o modelo de dominação hierarquizador predomina, os negros vivem ainda patentemente, resquícios de negação de sua cultura. Um exemplo desses espaços de negação, são os quilombos contemporâneos, que têm sido vítimas de exclusão sociocultural, vivendo na subalternidade - reflexo de um sistema colonialista perverso em que o Brasil deixou no esquecimento seus nativos e as comunidades remanescentes, renegando direitos elementares para o exercício de sua cidadania e emancipação.

A ausência de políticas públicas, que assegurassem e assistissem dignamente esses povos, provocou uma fragmentação de suas subjetividades, marginalizando-os socialmente - comumente violentados pelas práticas de racismos, segregação e de discriminação de sua cultura, de modo a impactar diretamente no modelo de suas autorrepresentações e identificações conscientes.

Atualmente, ainda que contemplados, timidamente, com algumas políticas públicas (tardias), os remanescentes de quilombos, provenientes desse processo de subjugação, de um contexto social, político-econômico adverso e desfavorável às construções identitárias positivas, indiscutivelmente, foram afetados pelas representações e formulações culturais negativas, arquitetadas e atribuídas aos negros, forjadas pela elite colonialista brasileira (legitimadas pelas ideias científicistas), que vinculou universal e compulsoriamente um modelo de cultura, de beleza, de religião, de costumes, de vida, vigente no país, como princípio de cultura/civilização soberana.

Para romper com esses paradigmas de exclusão, de eugenia e estereotipação do negro, um trabalho no campo linguístico-literário, fortalecido pela Crítica Cultural, que busca suscitar reflexões acerca da Literatura afro-brasileira e sua relação com a subjetividade e autoestima negra, é de fundamental importância para quebra da hegemonia cultural/literária. Nessa perspectiva, analisar a partir de uma percepção da subalternidade, como a comunidade remanescente de quilombos de Lagoinhas, situada no município de São Gabriel-BA, se percebe, apropria-se e responde aos discursos identitários promovidos pelos Cadernos Negros é o objeto de investigação do projeto intitulado “Poética dos cadernos negros: repercussões identitárias na comunidade quilombola de Lagoinhas”, ainda na sua fase inicial.

Investigar o impacto ou não dessa produção literária no interior de uma comunidade quilombola, situando e confrontando valores tradicionais, estéticos, políticos e identitários, a partir

de um grupo focal e perceber de que modo os Cadernos Negros funcionam como dispositivos de empoderamento do devir negro, por se tratar de uma escrita do “negro” por meio de sua própria autoria, não mais pela visão do outro, esse deslocamento tem sido o grande desafio para promover novas percepções socioculturais negras.

Dessa forma, acredita-se que os Cadernos Negros funcionam como instrumentos contradiscursivos capazes de oferecer uma ampla compreensão acerca das representações identitárias negras positivamente afirmadas na cultura brasileira. Além disso, confia-se que tais obras possam contribuir para um modelo de representação e de autorrepresentação etnicorracial e de sua autoidentificação consciente, a fim de reverter o paradigma cultural estabelecido e consagrado hegemonicamente.

Os *Cadernos Negros* são aparelhos culturais de resistência, importantes referências para as diversas comunidades quilombolas, especialmente pelo importante papel social que este desenvolve, uma vez que os periódicos representam para os escritores negros, a possibilidade de romper com os aparelhos de vigilância, normatização, controle cultural/literário e por à mostra, de forma subversiva, a cultura afro, por meio de campos linguísticos (poemas e contos) divergentes dos padrões estéticos canonizados.

Nesse sentido, tanto a comunidade quilombola, como os Periódicos são agenciamentos de coletividades de resistências, de desterritorializações: tempo-espacial, linguístico-culturais. Por isso, a Literatura Negra, percebida enquanto arte literária marginal, não pode ser compreendida apenas como um fenômeno estético, inocente, natural, inerte, mas como a coisa mais inquietante, provocante e perigosa. Nas palavras de Agambem (2002) uma arte mobilizadora que possibilita “sair do horizonte neutro da esteticidade, para se reconhecer na esfera do outro”, através da vontade de potência; da capacidade de produzir, de levar uma coisa do não ser ao ser, que desobstrui o campo da evidência habitual.

Ainda de acordo com Agambem (2002), a verdadeira *póiesis*, na acepção grega, está ligada ao princípio de verdade, ao princípio do desvelamento, do fazer existir ou emergir uma nova forma. Agambem, ver a arte (a poesia) como algo extremamente perigoso, não só para quem produz, mas para toda sociedade. Pois, através da experiência criativa do artista, a arte pode conduzir tanto a felicidade, quanto a ruína. Partindo desse pressuposto, a poesia negra é potencializada nesta pesquisa, compreendida enquanto instrumentos de intervenção político-social e de relevância sociocultural que se desloca, em um processo de intercâmbio com outras performances discursivas e culturais, capazes de interferir nas relações de poder.

Por esta razão, considera-se importante captar tais discursos (poéticas negras), outrora marginalizados, silenciados, porém mobilizadores, presentes na coletânea Cadernos Negros; trazê-los ao plano do debate crítico, a fim de oferecer visibilidades e fomentar reflexões sobre as representações do ser negro, especialmente, para comunidade de Lagoinha. Acredita-se que o diálogo entre os Cadernos Negros e a comunidade possa contribuir para reconstrução da vida cultural, social e política do negro quilombola lagoence, por meio de um contradiscurso libertário que concede voz as produções que foram ocultadas e/ou excluídas do cânone literário e que hoje já se reverbera na vida cotidiana provocando mudanças significativas.

### **LITERATURA NEGRA: CONCEITO EM CONSTRUÇÃO.**

De acordo com Alves (2002), o termo Literatura Negra, utilizado recentemente, foi definido pela coletânea de cadernos negros para nomear o produto literário de toda uma geração de escritores das três últimas décadas do século XX. Estes escritores se definem como *negros produtores de uma estética literária negra*, consagrando assim o termo, que por sua vez, promove o rompimento com a tradição literária, tida como masculina, branca, heterossexual, burguesa, cristã.

Tais rupturas foram possíveis devido à conjuntura da pós-modernidade – concatenada pela iminência dos Estudos Culturais, que propiciou um processo de construção de novos paradigmas e que traz à tona a presença mais efetiva de discursos que contemplem às diferenças de gênero, classe social, sexualidade e principalmente de etnia. Logo, instaura um contradiscurso que concede voz aos segmentos marginalizados, os quais questionam e refugam os modelos dominantes. Corroborando com a ideia, (HALL, 2000, p. 338) diz:

Dentro da cultura, a marginalidade, embora permaneça periférica em relação ao mainstream, nunca foi um espaço tão produtivo quanto é agora, e isso não é simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes, à ocupação dos de fora. É também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural. Isso vale também não somente para raça, mas também para outras etnicidades marginalizadas [...].

Nesse panorama delineado por Hall, do surgimento de novas subjetividades e identidades, a formação da Literatura Negra reverbera como fruto de uma agitação sociopolítica de posicionamento, engajamento ideológico, denúncia, ruptura e de autoafirmação dos valores do povo negro, tanto no panorama mundial, quanto local - Brasil, a fim de combater o racismo explícito e/ou velado e as diversas formas de exclusão.

A Literatura Negra instaura-se contra a perpetuação do negro como categoria mais explorada e contribui para o funcionamento de novas manifestações sociais e culturais que se encontram à

margem da literatura oficial. O texto da Literatura Negra implica percebê-la como parte integrante do amplo e complexo cenário da chamada pós-modernidade. Para (BEZERRA, 2002, p. 119), essa textualidade “[...] se constitui a partir de uma diretriz que privilegia uma fala/perspectiva marginal, ao mesmo tempo em que se insurge contra modelos literários institucionalizados”.

A Literatura Negra integra-se aos movimentos sociais da negritude na década de 70 principalmente, na sua formação inicial, ora de forma conexa ou não, mas que mantém seu sentido político-ideológico, pois, refere-se à enunciação de grupos periféricos, de afirmação dos direitos dos negros e da sua liberdade. Ideias estas, fortalecidas pela luta em prol da emancipação das últimas colônias africanas, que de certo modo, provocou deslocamentos e descentramento dos modelos hierárquicos europeus, já que nos Estados Unidos, França, Antilhas, Brasil (um pouco mais tarde) e a própria África, a busca pela “reafricanização” da identidade cultural negra se fortalecia. Nesse contexto, (IANNI, 1998, p. 214) vai salientar que,

A Literatura Negra não surge de um momento para outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. É um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo, movimentando-se sobre a influência dos dilemas do negro e das invenções literárias. Como tema e sistema, ela se desloca aos poucos da história social e cultural brasileira, adquirindo fisionomia própria. Desencanta-se da história do povo brasileiro e da história da literatura brasileira. Desloca-se e desencanta-se pela originalidade e força do movimento social do negro.

A Literatura Negra, na sua singularidade artística, abre espaço para discursos de resistência à opressão; evidencia a realidade ofuscada pelos grupos privilegiados e resgata a imagem objetiva do homem negro, sujeito da enunciação no discurso poético. Tal discurso faz-se o lugar de criação do conceito de Literatura Negra que, segundo Cuti (2002, p. 32), o texto literário vai se configurar pela ousadia no tempo. “E a Literatura Brasileira torna-se negra exatamente porque até o presente foi, silenciosamente, de forma abusiva, branca, em seu propósito de invisibilizar e estereotipar o negro e o mestiço”.

Essa Literatura, portadora de uma linguagem própria, que se manifesta contra a cultura hegemônica, contra a discriminação social, econômica e política, busca (re)encontrar com a sua memória africana. Realizada por escritores que se denominam negros (por isso a legitimidade do termo), revalorizam a sua história, a memória individual e coletiva que perpassam pelas suas vivências, como atividade de autorreconhecimento de seu papel na sociedade brasileira. Assumem-se como proprietários do seu discurso, em que deixa de se ver como objeto e passa a ser agente transformador; converte-se em sujeito pelo desejo de transpor da marginalidade.

Segundo (CUTI, 2002, p. 24), a Literatura Negra “[...] recupera a personagem de fundo e ganha o primeiro plano, a libertação da voz silenciada, a revelação de visões de mundo não consideradas”.

Por tudo isso, o negro é o tema basilar da literatura negra, sob diversas vertentes ele é o conjunto cultural, artístico, sociopolítico, sobretudo humano, dessa arte que se revela em um processo de conscientização de ser negro, numa sociedade que consagrou o branco como superior.

Entretanto, a Literatura Negra não se restringe meramente às dimensões epidérmicas, como salienta (BERND, 1988, p. 32), o conceito de Literatura Negra não se atrela nem a cor da pele do autor, nem apenas à temática por ele utilizada, “mas emerge da própria evidência textual cuja consciência é dada pelo surgimento de um eu enunciador que se quer negro”. Para autora, assumir a condição negra e enunciar o discurso em primeira pessoa, parece ser o aporte maior trazido pela Literatura Negra - constituindo-se em um de seus marcadores estilísticos mais expressivos.

Desse modo, não é somente a cor da pele do escritor que determina a existência de uma Literatura Negra, pois ela é muito mais complexa. Elaborada a partir de um estilo peculiar, e ao mesmo tempo, atrelado à pluralidade estética, de identidades múltiplas que se inserem no conjunto geral da arte brasileira. Por isso, é composta de fissuras, ultrapassa qualquer julgamento essencialistas. É um contínuo devir negro que transcende os conceitos cíclicos.

Todavia, não se deve perder de vista que essa Literatura se caracteriza pela afirmação positiva de assumir-se como negra, que traz em seu bojo uma tessitura negra, logo, seu material poético tratará de questões pertinentes à raça, as experiências de descendentes de escravos, o significado de ser negro em uma sociedade preconceituosa e hierarquizada como a brasileira, bem como, discute os problemas que dizem respeito ao racismo, à sociedade, aos estereótipos, a religiosidade, as inúmeras formas de resistências, enfim, a tudo que concerne à existência do afro-descendente que, por sua vez, emerge na obra pela expressividade da palavra, transgredindo as instâncias legitimadoras do “purismo literário”. Para (PROENCA FILHO, 2004, p. 18),

Considera-se negra uma literatura feita por negros ou por descendentes assumidos de negros e, como tal, reveladores de visões de mundo, de ideologia e de modos de realização que, por forças de condições atávicas, sociais, e históricas condicionadoras, caracteriza-se por uma certa especificidade, ligado ao intuito claro de singularidade cultural.

A Literatura Negra é uma miscelânea de signos que resgata e valoriza a cultura popular/marginal que tem suas raízes nas vivências, nos valores ancestrais, na riqueza e diversidade cultural, na memória e tradição dos diversos povos africanos. Daí sua peculiaridade e autenticidade da adjetivação (Negra) dada à Literatura Brasileira, já que o colonizador europeu classificou o africano numa pessoa negra/preta (pejorativamente), os escritores negros assumem o termo, transformando-o numa conotação diferente, de sentido positivo, de autoafirmação. Portanto, numa categoria sócio-política, que ganhou ressignificado pelos movimentos negros, os quais irão reagir contra o silenciamento, ocultação e invenção do negro pelos mecanismos de exclusão e, dessa

forma, produzir um discurso emancipatório que se propõe ao despertar da consciência crítica, reafirmando a diferença étnica.

Como parte fundamental da literatura Negra e ao mesmo tempo, fundadora e consagradora do termo, a Coletânea Cadernos Negros, configura-se como o *locus* ideal para discutir e interferir positivamente no modelo de representação e autorrepresentação dos afro-descendentes, pois representa “as estratégias empreendidas pelos negros brasileiros para produzir e divulgar um discurso identitário que almeja interferir na estrutura e no exercício do poder político-cultural” (SOUZA, 2005, p. 11). É um espaço em que negros e negras podem refutar modelos de enquadramentos, classificações reguladoras e trasgredir pelas fronteiras, já que o poder não existe; o poder é exercido, de múltiplas formas, por diversos segmentos de uma sociedade, coexistindo micropoderes, como afirma Foucault (2002).

Assim, nesse contexto de mudanças, a poesia engajada ganha expressividade no cenário mundial/nacional e instaura-se como expressão ideológica, funcionando como micropoderes em transito. A poesia que se inspira na tomada de consciência da negritude, conforme (BERND, 1992, p. 14), “[...] está duplamente vinculada à questão da identidade: ela se origina da consciência de sua perda e se desenvolve na busca de sua reconstrução”. Logo, o fundamental destas literaturas é justamente sua força de revalorizar as formas onde subsistem as culturas de resistência, substância essencial da identidade cultural.

É esse sentimento de valorização, de autoinvenção do sujeito negro, de re-apropriar-se de sua história ancestral africana que vai favorecer-lhe o desenvolvimento de identidades baseadas no orgulho de seu pertencimento etnicorracial e, a Literatura Negra vem firmar o papel do negro na formação histórica, socioeconômica e cultural do país, contrapondo a ideologia do branqueamento e o mito da democracia racial, os quais ajudam a manter um racismo atroz e ao mesmo tempo aparentemente cordial/ sutil, do “jeitinho brasileiro”, além disso, combatem e inovam as expressões de visões que inferiorizam o negro. Nesse embate, o poeta negro busca livrar-se da imagem estereotipada com que foi comumente apresentado, e o eu lírico,

Em busca de uma identidade negra instaura um novo discurso – uma semântica do protesto ao inventar um esquema onde ele era o outro, aquele de quem se condoíam ou quem criticavam. Passando de outro a eu, o negro assume na poesia sua própria fala e contra a história de seu ponto de vista. (BERND, 1988, p. 49).

Por isso, os/as poetas da Literatura Negra se dedicam à recuperação e ressignificação de discursos identitários da negritude e seu universo simbólico de modo a evidenciar outras formas subjetivas de expressão literária, advindas de posicionamentos de resistências e luta pela afirmação. Assim, a poética aparece como instrumento discursivo de combate e rupturas aos modelos

hegemônicos consagrados pela crítica literária tradicional. Nesse sentido, (MIRIAM, 2002, p. 227) diz que:

A poesia, como um agenciamento de processos de expressão, envolve-se na produção de subjetividade dos negros, que se apropriam dos códigos próprios da escrita para criar um devir negro que diz respeito a todas as engrenagens da sociedade de um mundo marcado pela subjetividade.

A Literatura Negra aparece em oposição aos discursos estabelecidos canônicos de caráter segregacionistas, como forma de mudança, protesto, rebeldia, ruptura, negociação, deslocamento, especialmente, reconhecimento da memória e identidade negra. Portanto, a poética vem representar-se como um instrumento de luta, de resistência à exclusão, em que esta literatura marginal não quer apenas para si a reivindicação de um lugar no panorama literário, “sua realização implica e projeta uma nova subjetividade do país, em cuja tarefa o exercício de estar no lugar do outro consiste, para a nacionalidade, um estar em si mesma” (CUTI, 2002, p. 28).

Para melhor caracterizar a Literatura Negra, uma reflexão sobre identidade se faz necessária, visto que um dos elementos mais importante que dá sustentabilidade as identidades é a própria Literatura. Para muitos autores, a questão identitária é um fator substancial pelo qual forma e transforma o seu fazer poético, ou seja, o projeto de construção identitária é um exercício fundamental da Literatura Negra, que reflete, analisa e registra a consciência social e cultural afro-brasileira.

Nesse sentido, a concepção de identidade perpassa pela aceitação do outro, do respeito às diferenças, isto é, do plano da alteridade, das particularidades de cada sujeito, povo, nação, que é singular e plural ao mesmo tempo, que se configura pelo hibridismo e pela multiplicidade cultural. Dessa forma, a identidade está atrelada à alteridade, já que aquela é um constructo por meio de práticas sociais, que se articula na aceitação e respeito ao diferente. Segundo Bernd (1992) a identidade ganha uma dimensão de exterioridade, tornando impossível conhecer o ser fora das relações que ligam ao outro e excluir o outro leva a visão especular que é redutora.

Assim, abordar sobre Literatura Negra, conceito em construção e reconstrução, é trazer para a cena questões relacionadas a diferenças, biopoder, sexualidade, diversidade cultural, memória, multiculturalismo, alteridade, diáspora, sobretudo, abordar sobre identidades. Pensadas a partir de sujeitos poéticos descentralizados, com marcas fluídas e instáveis de construção identitárias Hall (2000). Nesse sentido, torna-se importante entendê-las (identidades) como um imaginário simbólico, complexo, dinâmico - em constante trânsito que permite ao sujeito, um sentimento de pertença, de autoria, de ser parte integrante de um sistema de referências. “Referência em torno da qual o

indivíduo se autorreconhece e se constitui, estando em constante transformação e construída a partir de sua relação com o outro” (FERREIRA, 2005, p. 47).

Portanto, pensar em re-construções identitárias positivamente afirmadas na comunidade remanescente de quilombos de Lagoinha, a partir da poética dos Cadernos Negros, torna-se possível, justamente por compreender as identidades, como esse constructo em grande mobilidade, que se constitui nas relações sociais, no processo de alteridade, relacionados com critérios políticos-ideológicos, imbricados nas relações de poder e em processos de (re) negociações contínuas, como afirma Munanga (2006).

Por esta razão, as identidades, no seu sentido plural, podem ser forjadas e manipuladas, já que seus limites são deslizantes e tênues, em que as fronteiras culturais, linguísticas, territoriais não são fixas, unas, centradas, assim como os sujeitos também não são. Nesse sentido é possível pensar identidades pelos princípios rizomáticos de Delleuze e Guatarri (1995), enquanto mapas abertos, conectáveis, desmontável, reversível e suscetível à mudanças contínuas.

Dessa forma, ao afirmar a identidade negra, o sujeito poético demarca fronteiras de afirmação e reafirmação das relações de poder, em que a marcação da diferença pressupõe movimentos de inclusão e de exclusão. Nas palavras de Silva (2000): “O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes”. Assim, é necessário pensar a utilização dos Cadernos Negros como micropoderes em processo de agenciamento; pensar como lugar de desmonte de Derrida (2001), a poética como um lugar privilegiado de rupturas, funcionando como linha de fuga para escapar do controle biopolítico, da quebra do contínuo e da série projetada pela elite brasileira.

Faz se necessário refletir sobre os Cadernos Negros como uma ação política identitária; um lugar de reivindicação e desmontagem de uma forma (canônica) para emergir outras formas, outros significantes e significados, não para suplantam um outro modelo legitimado, mas para oportunizar outras poéticas, outras enunciações, outros discursos formais e não formais, ou seja, novas formas de representação. Pois, é no interstício do processo de descentramento do cânone que a poesia negra revela sua importância, oportunizando insurgir um novo lugar de recuperação de sentido de ser negro-quilombola e de construção de um novo consciente, por meio de processos de desmontagens da subjetivação.

Portanto, para romper com o pensamento monoculturalista de mundo e colaborar com o enriquecimento desta temática (Literatura Negra/comunidades remanescentes) que, só recentemente vem emergindo de forma afirmativa e com “certa” visibilidade, é importante caracterizar os projetos literários comprometidos com a valorização dos negros “como sujeito da

enunciação que se afirma e se quer negro” Bernad (1992), numa atitude compromissada; de tomada de consciência e questionamento de conceitos socioculturais estabelecidos: o branqueamento e mito da democracia racial – os quais projetam um país de aparências harmoniosas, escondendo cruéis práticas discriminatórias, pensadas a partir de um único padrão eurocêntricos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os estudos sobre comunidades remanescentes e Literatura Negra, vêm se tornando um grande campo de evidência nos trabalhos contemporâneos, em que traz novas abordagens e perspectivas para o processo de se entender o modo de vida dessas comunidades, bem como das produções literárias, ambos considerados temas proeminentes culturalmente e bastantes discutidos entre profissionais e estudiosos das múltiplas áreas do conhecimento, em especial, a Crítica Cultural, a qual suscita grande abertura para os estudos interdisciplinares, além de ocupar um espaço de pesquisa de fundamental relevância histórico-social, obtendo ampliações necessárias no campo linguístico-literário.

Por isso, essa pesquisa, não trata apenas de uma mera reflexão sobre a incidência dos Cadernos Negros na comunidade de Lagoinha, mas uma análise importante para se perceber acontecimentos vividos, construções sociais, modos/experiências de vida, valores estéticos e tradicionais, conceitos/determinações históricas, pensadas e internalizadas por esses sujeitos individual e coletivamente, sobretudo, analisar de que forma os Cadernos Negros podem ou não provocar mudanças no estatuto “negro” e refletir como esse paradigma impacta no sujeito quilombola contemporâneo, dentro de uma esfera social ampla.

É possível pensar que a visibilidade da Literatura Negra na comunidade, possa interferir na realidade, auxiliando no processo de transformação social, uma vez que, estimula a valorização da pluralidade discursiva, o reconhecimento da riqueza e variedade dos textos que circulam, sobretudo os que não circulam nos espaços sociais. Portanto, espera-se que a pesquisa seja capaz de emponderar o negro quilombola lagoence a assumir o seu papel de agente histórico e compreender melhor a partir da linguagem poética, que se exprime pela recomposição de um sistema próprio de representação estética, todo universo simbólico que as palavras e as imagens transcriam: a memória africana.

Dessa forma, para promover a releitura da história do mundo africano, sua cultura e os reflexos sobre a vida dos afrodescendentes em geral, é preciso contemplar outras linguagens; valorizar outros saberes, outras epistemologias. É preciso conceder voz a outras produções

discursivas, de modo que se possa apreciar contribuições de grandes escritores contemporâneos - ativistas dos Cadernos Negros, importantes referências para Literatura afro, para as comunidades remanescente e para a cultura/literatura brasileira em geral

Enfim, espera-se que este projeto seja capaz de aguçar o sentimento de valorização e orgulho do pertencimento etnicorracial, de modo que os sujeitos remanescentes de quilombos, testemunhas dessa pesquisa, possam (re)apropriar-se da sua história ancestral africana, seus processos de resistência, de modo a favorecer a construção de identidades positivamente afirmadas, já que a Literatura Negra vem consolidar o papel do afro-brasileiro na formação histórica, socioeconômica e cultural do país, além de contrapor a ideologia do branqueamento e o mito da democracia racial.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O homem sem conteúdo*. Trad. Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- ALVES, Miriam. Cadernos Negros (número 1): estado de alerta no fogo cruzado. In: FIGUEREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Poéticas Afro-brasileira*. Belo Horizonte: Mazza, PUC Minas, 2002. p. 221-240.
- BERND, Zilá. *Introdução a Literatura Negra*. Brasília: Brasiliense, 1988.
- BERND, Zilá. *Literatura e Identidade Nacional*. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1992.
- BEZERRA, Kátia da Costa. A Cor da Ternura: tecendo os fios da memória. In: FIGUEREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Poéticas Afro-brasileira*. Belo Horizonte: Mazza, PUC Minas, 2002. p. 117-132.
- CUTI, Luis Silva. O Leitor e o Texto Afro-brasileiro. In: FIGUEREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Poéticas Afro-brasileira*. Belo Horizonte: Mazza, PUC Minas, 2002.
- DELLEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra; Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: ed. 34, 1995.
- DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FERREIRA, Ricardo Franklin. *Afro-descendente: identidade em construção*. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- FIGUEREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Poéticas Afro-brasileira*. Belo Horizonte: Mazza, Puc Minas, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 17 ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Grall, 2002.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Tonz Tadeu da Silva. 4 ed. Rio de Janeiro: DPBA, 2000.
- IANNI, Otavio. *Literatura e Consciência. Estudos Afro-Asiáticos*. Rio de Janeiro, 1988. p. 208-217.
- PROENÇA FILHO, Domício. *A trajetória do Negro na Literatura Brasileira*. Estudos Avançados. São Paulo, 2004.
- MUNANGA, Kabengele. Construção da identidade negra no contexto da globalização. In: DELGADO, Ignácio et al. (Org.). *Vozes (além) da África*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006.

SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendente em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e Diferença: perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: vozes, 2000.